

HISTÓRIA E NARRAÇÃO NEGRA: O DIÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Aline Cavalcante e Silva
(Bolsista PIBIC/CNPq/UFPB)
aline.mbz@hotmail.com

Orientador: Dr. Elio Chaves Flores
(PPGH/UFPB)
elioflores@terra.com.br

Esse trabalho está inserido no Projeto de Pesquisa: Visões da África e Práticas Emancipatórias dos Intelectuais Afro-Brasileiros (1944-1988). Nossa proposta de estudo é analisar os discursos produzidos pelos intelectuais afro-brasileiros, buscando assim confrontá-los com os ideais dos construtores do que se denominou, no Brasil, de democracia racial, criticando a visão eurocêntrica da História da África e colocando-os como narradores de sua própria história. Para tanto, realizamos uma análise historiográfica da obra, *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, publicada em 1961, da escritora negra Carolina Maria de Jesus. Ela surge como uma voz que nos relata a realidade da luta pela sobrevivência dos pobres e favelados nas grandes cidades brasileiras, especialmente para a situação da mulher negra.

Palavras-chave: Negritude. Literatura Negra. Africanismo.

Este Artigo é resultado de um ano de pesquisa, que propõe uma ampliação das análises que foram realizadas em projeto anterior, denominado *Jacobinismo Negro no Brasil Contemporâneo*, nos anos de 2004-2007. Agora além de se ampliar a análise a partir das fontes já sistematizadas, foi incluída uma nova série documental, especialmente a produzida por Solano Trindade, Carolina Maria de Jesus e Oliveira Silveira (poesia e romance). Nesse sentido a atual denominação, *Visões da África e Práticas Emancipatórias dos Intelectuais Afro-Brasileiros (1944-1988)*, visa abordar a dimensão estética do pan-africanismo e a virada historiográfica em relação à presença do negro no Brasil.

No primeiro momento a pesquisa foi direcionada a sistematizar as representações africanistas construídas pelos intelectuais afro-brasileiros a partir das fontes arroladas entre 1944 e 1968, especialmente dos protagonismos de Abdias Nascimento, Guerreiro Ramos, Solano Trindade e Carolina Maria de Jesus, analisando seus discursos em relação à construção do movimento da negritude na África e na Europa. No nosso plano de trabalho, "Guerreiro Ramos e Carolina Maria de Jesus: a narração negra (1944-1968)", direcionamos também nossos estudos com a comparação das perspectivas ideológicas dos intelectuais afro-brasileiros em confronto com os discursos dos construtores da democracia racial e da mestiçagem no Brasil. Trata-se de um esforço historiográfico para a superação de se pensar a África e a cultura afro-brasileira a

partir de um antropologismo tardio. No ensino de História e nos artefatos pedagógicos e didáticos da sala de aula, esse antropologismo tardio está presente na persistência de um processo vulgarizador da mitológica democracia racial em que o mundo afro-brasileiro não escaparia do samba, futebol e malandragem. As contribuições de uma pesquisa sobre os intelectuais negros, seus postulados africanistas e suas reivindicações por uma interpretação da história mais identificada com as aspirações do povo negro, poderiam se inserir, portanto, no campo da história cultural, com a pretensão de repensar a matriz curricular eurocêntrica e, portanto, contribuir para a melhoria do ensino de história.

Uma vez colocado o problema da pesquisa (a África vista pelos intelectuais afro-brasileiros), e definido o seu recorte duracional (entre os anos de 1944 e 1988), o presente projeto se orienta, desde o início, para um período de 36 meses de desenvolvimento. Dessa forma, a pesquisa mantém as seguintes hipóteses de trabalho: a) os intelectuais afro-brasileiros questionaram a visão eurocêntrica da História da África demonstrada pela grande imprensa e pelo mito da democracia racial; b) a busca das raízes africanas e a compreensão da África contemporânea contribuíram para a construção da negritude no Brasil; c) as representações históricas do continente africano e a história dos africanos na diáspora formam as bases do jacobinismo negro republicano.

Nesse sentido, o objetivo geral do projeto é pesquisar os intelectuais afro-brasileiros e os saberes históricos produzidos e divulgados através de seus escritos, entre 1944 e 1988, especialmente os que se referem às discussões sobre a História da África, a negritude e as relações com os políticos e intelectuais africanos do processo de descolonização e da África pós-colonial.

Para efeito de classificação e trabalhos com as fontes, realizamos leituras, fichamentos e discussões periódicas acerca da produção dos intelectuais afro-brasileiros a partir das crônicas, ensaios, poesias, artigos, manifestos, depoimentos, entrevistas como também a utilização dos escritos mais direcionados ao universo acadêmico. Portanto, a expressão História, aqui será entendida a partir da concepção de Paul Ricouer, visto que “abrangerá não só a história narrada, quer ao modo histórico, quer ao modo da ficção, mas também a história feita e padecida pelos homens”. Essa concepção de história mostra que os narradores afro-brasileiros não só parecem ter consciência de fazer história como também de pertencer a ela.

O presente artigo, dedica-se a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, em especial, a análise de seus diários. Carolina nasceu em Minas Gerais, por volta do ano de 1915, onde aprendeu a ler e a escrever nos primeiros anos da escola primária, desde então, desenvolveu por conta própria um aprendizado vivencial que ia traduzindo em letras, registradas em folhas achadas nas ruas. foi empregada doméstica na cidade de São Paulo, onde posteriormente passou a catar papel e outros tipos de lixo reaproveitáveis para sobreviver. Na favela do Canindé situada às margens do rio Tietê, em São Paulo, vivia Carolina juntamente com seus três filhos,

Vera Eunice, João José e José Carlos. O repórter Audálio Dantas, encarregado de fazer uma reportagem sobre a favela, tomou conhecimento dos escritos de Carolina em forma de diários onde ela relatava registros do dia-a-dia angustiante da miséria favelada, o que lhe deixou surpreso devido à forma realista como ela escrevia. Após esse episódio, o repórter apresentou os escritos de Carolina Maria de Jesus a um editor, sendo publicado seu livro, em 1960, com o título *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Em sua obra podemos observar com riqueza de detalhes a vida dos favelados, afinal de contas, era uma visão que vinha de dentro da própria favela, como também a grande luta pela sobrevivência, e nisso Carolina se destacava. Outras obras da autora, como *Casa de Alvenaria* (Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1961), *Provérbios* (São Paulo, Átila, 1963), *Pedaços da Fome* (São Paulo, Átila, 1963) e *Diário de Bitita* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.) demonstram que a autora tinha uma preocupação com a narrativa, seu ofício era escrever suas experiências e seus sonhos vertiam para o papel. Nosso procedimento historiográfico foi fazer uma leitura comparativa entre duas de suas obras.

Essa obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, livro baseado em escritos da própria Carolina em seus diários onde ela relata quase que diariamente suas experiências de vida como também o dia-a-dia da favela em que morava. Devido a originalidade de seu texto, o livro foi de grande sucesso, o que acabou gerando também muita polêmica, inclusive sobre sua autenticidade. Comentado por grandes escritores brasileiros da época, Raquel de Queiroz e Manuel Bandeira, entre outros, fica claro a originalidade do seu texto. O impacto causado por *Quarto de Despejo* foi além das discussões sobre o texto, o problema da favela na época de dimensões ainda reduzidas, em São Paulo, foi discutido por técnicos e também políticos. Em sua obra, além de se mostrar a realidade dos favelados, observamos também a grande revolta por parte da Carolina com relação aos políticos e poderosos da época, onde ela fazia denúncias e acusações. Em seu livro observamos também questões relacionadas ao negro, ao racismo e passagens sobre acontecimentos históricos envolvendo os afro-brasileiros, onde citamos, pela edição da Francisco Alves, respeitando a grafia e as concordâncias da autora:

13 de Maio ...É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz (Jesus, 1995, p. 28).

Após a publicação de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, onde Carolina faz com grande propriedade e originalidade, relatos da luta pela sobrevivência dos pobres e favelados nas grandes cidades brasileiras, em especial, a situação da mulher negra, a obra que causou grande

impacto na sociedade da época, foi traduzida em treze idiomas e editada em quarenta países. Carolina Maria de Jesus, ao sair da favela e mudar-se para uma casa de alvenaria, realizando seu grande sonho, continua a observar e anotar tudo que lhe cerca (as grandezas e as misérias), tudo em forma de diário.

Posteriormente, publica em 1961, *Casa de Alvenaria*: diário de uma ex-favelada, mostrando em sua essência um depoimento, tão importante quanto *Quarto de Despejo*. Só que agora, ela lança um olhar sobre o mundo de alvenaria, que foi seu grande sonho e conquista, demonstrando, que nesse mundo “de alvenaria” a miséria também existe, nas formas mais diversas. Da mesma forma que em *Quarto de Despejo*, Carolina narra o seu dia-a-dia, de sua nova vida, assumindo uma nova dimensão. Observam-se, como em sua obra anterior, passagens relacionadas ao negro e ao racismo, com alguns destaques, onde citamos:

13 de maio ...Hoje é o dia que comemoramos a extinção da escravidão. Se a escravidão não fôsse extinta, eu era escrava, porque sou preta. (...) No Teatro da Escola de Medicina, que hoje comemora-se a data da abolição. Que o espetáculo é representado pelo Teatro Popular Brasileiro, dirigido pelo poeta Solano Trindade. (...) O poeta Solano Trindade, apareceu no palco para falar sobre o preconceito racial na África do Sul, e da condição dos pretos nos Estados Unidos (JESUS, 1961, p. 19).

Carolina Maria de Jesus viveu sozinha, com três filhos (um de cada pai) em uma favela na cidade de São Paulo, desde 1947, até se mudar para uma casa de alvenaria, depois do sucesso de seu primeiro livro, em 1960. A trajetória de Carolina mostra uma visão colocada de lado pela cultura brasileira, a luta cotidiana de uma mulher negra, pobre e desprovida das obrigações do Estado, de organismos sociais e de instituições. Ela foi uma lutadora contra a herança racista, o preconceito com relação às mulheres e, sobretudo, foi uma pessoa afrontadora da marginalidade e da negligência política. Pelos seus escritos, percebe-se que ela não se conformava com os privilégios e as prioridades que o desenvolvimento econômico do país garantia para o fortalecimento das classes mais favorecidas, acarretando no aumento da pobreza no país. Como uma espécie de fuga de suas dificuldades, ela começou a escrever poemas, histórias fictícias e, em 1955, iniciou um diário sistemático de seu dia-a-dia na favela, escrito em folhas de caderno. Seu diário, ao mesmo tempo em que revela uma noção de revolta contra a miséria, demonstra também toques de gentileza e poesia lírica, revelando em muitas passagens, suas amarguras. Carolina Maria de Jesus mostra com grande riqueza de detalhes as péssimas condições em que viviam as pessoas que habitavam na favela, fazendo críticas aos políticos que se esqueciam dos

pobres. Seu testemunho tentava reproduzir a realidade de sua experiência, através de seus escritos ela contestava contra a pobreza urbana e a injustiça social. Era uma resposta da favela ao desenvolvimento industrial, que vinha ocorrendo desenfreadamente nas grandes capitais brasileiras, em contraste com a crescente miséria da classe populacional menos favorecida.

Seu livro criticava um tipo de sociedade fechada e que se autodesconhecia, caracterizada pela percepção do passado de que nas camadas pobres da população não poderia ocorrer mobilidades, particularmente no caso das mulheres, que tinham um papel definido de subserviência em que restava a condição feminina pobre, no máximo o direito de trabalhar servindo aos brancos como cozinheiras, babás ou faxineiras. Nessa época, início dos anos 1960, surge no cenário nacional Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, pobre e oriunda da favela, que se torna sensação com a publicação de seu primeiro livro *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, onde revela de forma original a vida da favela. Além disso, demonstra a capacidade pensante de uma mulher que se recusava a obedecer as regras históricas delegadas por uma estrutura de classes pouco flexível. Famosa, ela apareceu no rádio e na televisão, deu várias entrevistas, apresentou-se em universidades e percorreu vários países da América do Sul, tornando-se uma celebridade. Apesar de seu grande sucesso, iniciado com a publicação de seu primeiro livro, as obras seguintes da autora não tiveram grande repercussão dentro da sociedade. Ao falecer em 1977, a escritora negra Carolina Maria de Jesus morre praticamente esquecida pela sociedade brasileira. Porém, a partir de estudos históricos e literários, ela aos poucos vem se constituindo como um símbolo que surgiu na década de 1960, na luta contra a pobreza e a marginalidade dos afro-brasileiros.

Ao analisar a obra de Carolina Maria de Jesus, pudemos enxergar por meio dela o pensamento dos intelectuais negros a partir de suas inserções nos saberes históricos sobre a África, visando contribuir para as pesquisas sobre os movimentos sociais afro-brasileiros assim como aprofundar estudos sobre a matriz cultural africana no Brasil contemporâneo. Dentro desse contexto, que relata a vivência de uma mulher negra e pobre, procuramos sistematizar as representações africanistas construídas pelos intelectuais afro-brasileiros, a partir das fontes arroladas, entre 1944 e 1968, em especial, da protagonista Carolina Maria de Jesus.

A constituição de uma identidade do negro brasileiro que se posiciona contra a ideologia da democracia racial e cria uma nova pauta de reivindicações políticas do grupo étnico-racial no âmbito da negritude brasileira, foi o nosso principal objetivo. Essa identidade se constituirá a partir da busca de uma autenticidade histórico-cultural do negro brasileiro que busca fundamento em sua raiz africana, bem como nos aspectos específicos da experiência histórica do negro no Brasil. Buscando a compreensão do contexto histórico nacional e internacional, entre 1944 (data da criação do Teatro Experimental do Negro) e 1968 (que marca o exílio de boa parte dos intelectuais negros), procuramos entender o processo e a formação dessa identidade afro-brasileira e suas articulações com o contexto de crítica ao mito da democracia racial.

Nessa época, passamos por um momento de ascensão dos movimentos políticos indentitários, que buscam com sua luta o reconhecimento de suas emancipações, com grande repercussão política gerando uma internacionalização da luta negra. Com isso, aprofundamos sobre os estudos críticos da identidade negra e do protagonismo afro-brasileiro, ampliando as bases documentais e historiográficas sobre o africanismo no Brasil e os saberes históricos oriundos da matriz cultural africana na segunda metade do século 20.